

Prefácio



Marius Dorfmeister
Co-CEO, RobecoSAM

Daniel Wild, PhD
Co-CEO, RobecoSAM

Caro Leitor,

Bem-vindo ao Sustainability Yearbook 2019.

Neste ano, 20º aniversário da *Corporate Sustainability Assessment (CSA)*, marcamos uma época ao trazer de volta um pouco da história, reintroduzindo a marca “SAM”. A partir de agora, SAM será nossa marca para atividades relacionadas a empresas e difere do negócio de gestão de ativos. A marca SAM, uma amiga nossa e das empresas que desde o início conhecem o CSA, está conosco há muitos anos. Na página 6, abordamos nossa justificativa para essa mudança.

Nos últimos 20 anos, o CSA continuou evoluindo, identificando e adaptando-se às mudanças na fronteira entre empresas e sociedade. Com isso em mente, optamos por concentrar o Sustainability Yearbook 2019 em questões de capital social - representadas pela letra “S” na sigla ESG (*Environmental, Social and Governance*).

Localizada entre *Environmental* (Meio Ambiente) e Governança - a letra “S”, que trata da dimensão social da sustentabilidade, às vezes é ofuscada pela atenção dada às suas irmãs na sustentabilidade. Isso talvez seja compreensível, dado o impacto devastador da poluição ambiental e da crise climática em escala global (avaliado por “E”), aliado à preferência da comunidade de investidores por métricas voltadas à administração da empresa, supervisão pelo conselho e remuneração dos executivos (medidos

por “G”). Porém, a importância da dimensão social nos investimentos em sustentabilidade vem crescendo rapidamente. Especialmente no último ano, as questões de sustentabilidade social figuraram bastante nas manchetes.

Além dos recursos humanos

Para as empresas, a gestão do capital social vai muito além área de recursos humanos. Ela envolve todos os aspectos de como uma empresa cuida do capital humano dentro de seus muros (isto é, funcionários), e como ela gerencia o impacto de seus produtos, serviços e ações nos grupos de indivíduos fora de seus muros (isto é, consumidores, comunidades). Dado o alcance e a escala global de muitas empresas, isso pode significar que o impacto social se estende globalmente a toda a sociedade.

O debate sobre salários mínimos e condições de trabalho nos EUA ressurgiu após um grande varejista ter sido atacado por pagar baixos salários, mesmo quando essa empresa e funcionários foram beneficiados por generosos subsídios fiscais. Outros varejistas dos EUA também aumentaram o piso dos salários dos trabalhadores no último ano após reclamações de funcionários e protestos públicos.

Casos como esses não apenas evidenciam os danos à reputação que podem ocorrer quando empresas não protegem seu capital humano, como também reforçam o debate sobre o que é um salário adequado e como

¹ “Why Did Amazon Raise Its Minimum Wage to \$15? Public Pressure”, E. Sherman, *Forbes*, 2 de outubro de 2018. “The Truth About Amazon, Food Stamps, and Tax Breaks”, L. Matsakis, *Wired*, 6 de setembro de 2018

² “Nike Will Raise Wages for Thousands After Outcry Over Inequality”, S. Cowley, *The New York Times*, 23 de julho de 2018.

as empresas, diante de restrições reais de custos, podem reagir de maneira efetiva e responsável. Neste Anuário, o professor Daniel Vaughan-Whitehead, da Universidade de Genebra, e copresidente da Fair Wage Network, explica por que uma estrutura de salários justos leva não apenas ao bem-estar dos funcionários, como também à lucratividade das empresas.

Sintomas extremos de um viés invisível

As questões de capital social também foram evidenciadas após o movimento #MeToo, que teve seu auge em 2018. Embora o principal foco desse movimento não tenha sido o comportamento corporativo, importantes líderes empresariais foram forçados a renunciar, destacando o assédio e abuso sexual ainda prevalentes em todos os níveis de negócios e da sociedade. Apesar das circunstâncias negativas, isso ajudou a renovar a atenção e o foco no preconceito e igualdade de gênero no local de trabalho.

Um artigo que colabora nesse sentido, elaborado pela nossa equipe da SI Research, analisa os dados da *Corporate Sustainability Assessment (CSA)* de 2018 e faz suas próprias revelações sobre questões de gênero na força de trabalho. Reduzir o preconceito de gênero é uma questão corporativa importante à medida que mais e mais estudos revelam o valor positivo da diversidade para a administração da empresa e o desempenho das ações.

“Esperamos que vocês aproveitem nossos artigos e os resultados da nossa CSA nesta 16ª edição do Anuário, apresentado sob a marca SAM”.

Mapeando portfólios de investimento para o futuro

A importância dos ativos intangíveis, como diversidade de gênero e salários justos/dignos, está claramente expressa em nosso artigo da SI Research, “Nenhuma Empresa é uma Ilha”, que argumenta que o cálculo do valor presente líquido (VPL) na moderna gestão de portfólio são falhos devido à inclusão insuficiente de variáveis de ESG. Dados e análises incompletos levarão, em última instância, a avaliações incorretas de portfólios, à gestão deficiente de capital ambiental e social e, possivelmente, a uma crise irreversível de recursos naturais e sociais para as futuras gerações. Por outro lado, a incorporação hoje de variáveis de ESG aos portfólios de investimento aumentará a robustez desses portfólios no futuro.

Receita tributária e infraestrutura social

Embora os impostos para pessoas jurídicas sejam normalmente tratados como uma questão de governança pela ótica do ESG, eles também têm importantes implicações sociais. Sua interconexão com o capital social através de seu impacto na infraestrutura da comunidade é inegável. A receita tributária proveniente de impostos para pessoas jurídicas fornece aos países e às comunidades os recursos para a construção de infraestrutura física, social e educacional - infraestrutura necessária para suportar o crescimento e o desenvolvimento atuais e futuros. No entanto, muitas empresas são atraídas pelos lucros de curto prazo e optam por minimizar o recolhimento de impostos por meio de brechas e paraísos fiscais.

Fomos uns dos primeiros a reconhecer a importância de uma estratégia tributária transparente para avaliar o desempenho de sustentabilidade corporativa e introduzimos nosso critério tributário já na campanha da CSA de 2014.

No artigo “Cinco Anos Pressionando por Mudanças” revisitamos a “questão tributária” para entender a mudança nos relatórios fiscais das empresas, e se esses relatórios são indicadores significativos para prever a capacidade das empresas de resistir a um crescente controle regulatório e ações políticas futuras.

O interesse social composto gera maiores retornos para todos

De salários iguais e justos para os trabalhadores, passando pelo igual reconhecimento e acesso a oportunidades profissionais, até a qualidade da infraestrutura e serviços públicos, a forma como as empresas tratam seu capital humano e obrigações “sociais” via impostos tem desdobramentos significativos e de longo prazo para indivíduos, comunidades e sociedade em geral. Esses ativos intangíveis também podem gerar um “interesse social” que tende a crescer no futuro.

As empresas não atuam isoladamente. Elas fazem parte de um sistema interconectado mais amplo, onde suas ações em todas as dimensões ESG têm efeitos profundos e duradouros para as gerações futuras. As empresas que reconhecem o potencial de todos os seus ativos, e que investem agora na proteção e aprimoramento desses ativos, serão capazes de perceber os efeitos combinados desses investimentos tangíveis e intangíveis nos próximos anos - efeitos que se acumulam não apenas para a empresa, mas para a sociedade como um todo.